

## CAMPANHA SALARIAL

# Como ficam os salários de professores e funcionários

Como resultado da campanha salarial, professores e funcionários terão seus salários reajustados em 16,42%, em escala, até o mês de setembro.

Os professores tiveram um aumento linear, parcelado entre março (4%), julho (3,85%) e setembro (7,8%). Já os funcionários terão salários recompostos pelo mesmo índice, porém escalonados em diferentes faixas salariais. Aqueles que ganham até R\$ 1.605 terão todo o reajuste em março; as faixas entre R\$ 1.605 e 3.000 recebem 8% em março e 7,8% em setembro; os salários acima de R\$ 3.000 têm o mesmo reajuste dos professores.

Nesta edição, o *PUCviva* faz um levantamento de como ficará o salário de cada faixa durante os meses em que ocorrem os reajustes. É bom lembrar que as diferenças referentes ao salário de março devem ser pagas até o dia 30 de abril em folha complementar.

A Reitoria também avisa que os adiantamentos pagos em abril obedecerão aos valores dos salários de fevereiro.

## Os novos salários dos professores

TP-10	Categoria	março 4%	julho 3,85%	setembro 7,8%
	<b>Titular</b>	2.093,01	2.173,59	2.343,13
<b>Associado</b>	1.793,91	1.862,66	2.007,95	
<b>Ass.Doutor</b>	1.533,05	1.592,07	1.716,25	
<b>Ass.Mestre</b>	1.097,46	1.139,71	1.228,60	
<b>Aux. Ensino</b>	863,29	896,32	966,24	

TP-20	Categoria	março 4%	julho 3,85%	setembro 7,8%
	<b>Titular</b>	4.186,01	4.347,17	4.686,25
<b>Associado</b>	3.587,84	3.725,97	4.016,60	
<b>Ass.Doutor</b>	3.066,11	3.184,15	3.432,51	
<b>Ass.Mestre</b>	2.194,93	2.279,44	2.457,24	
<b>Aux. Ensino</b>	1.726,58	1.793,05	1.932,91	

TP-30	Categoria	março 4%	julho 3,85%	setembro 7,8%
	<b>Titular</b>	6.279,02	6.520,76	7.029,38
<b>Associado</b>	5.381,75	5.588,95	6.024,89	
<b>Ass.Doutor</b>	4.599,15	4.776,22	5.148,76	
<b>Ass.Mestre</b>	3.292,39	3.419,14	3.685,84	
<b>Aux. Ensino</b>	2.589,87	2.689,59	2.899,37	

TI	Categoria	março 4%	julho 3,85%	setembro 7,8%
	<b>Titular</b>	8.372,02	8.694,34	9.372,50
<b>Associado</b>	7.175,68	7.451,94	8.033,19	
<b>Ass.Doutor</b>	6.132,20	6.368,29	6.865,02	
<b>Ass.Mestre</b>	4.389,85	4.558,86	4.914,45	
<b>Aux. Ensino</b>	3.453,15	3.586,10	3.865,92	

## E agora?

A ocupação de Bagdá pelo exército americano já foi dada como vitória de uma primeira etapa colonizadora. Evidenciou a incapacidade do regime de Saddam Hussein de armar a população para defender o país e a utilização tática dos curdos pelo imperialismo.

A qualidade de ditador sanguíneo de Saddam, usada pela propaganda de Bush para justificar a invasão, mostrou-se finalmente favorável aos adversários da autodeterminação dos povos. O regime nacionalista de Saddam não pôde armar a população para resistir à ocupação, embora esta sofresse o massacre. Com certeza, a maioria abomina o domínio imperialista de seu país. Mas o Iraque, como povo oprimido, não teve como ter coesão social, política e militar para enfrentar o capital monopolista na sua forma bélica. O que facilitou a execução do plano traçado pelo Pentágono.

É preciso assinalar a responsabilidade da feudal burguesia árabe e de seus governos, como os da Arábia Saudita, Egito, Jordânia etc., que apoiaram as forças invasoras. E de outros governos, como o da Turquia. São povos oprimidos pelo imperialismo, cujas burguesias submetem seus países ao colonialismo. Um levante desses povos era uma das condições para enfrentar o avanço dos saqueadores.

Mais distante geograficamente do conflito, a posição hipócrita dos governos semicoloniais, como os da América Latina, de paz e de desarmamento pacífico do Iraque pela ONU, ajudou os EUA.

A oposição da França e Alemanha apenas expressou divergência de interesses entre os saqueadores do mundo. Agora vão se acertar sob a mesma bandeira de paz.

A única força contrária à operação militar do imperialismo foram as manifestações de massa em toda parte. Mas não puderam ganhar amplitude e profundidade. A classe operária mundial, que ocupa lugar central nas relações de produção, não encabeçou o movimento de resistência. Esse se constituiu fundamentalmente pela classe média, dirigida pela política do pacifismo.

O poderio militar dos EUA não tem como ser confrontado por forças militares semicoloniais, ainda mais por um país que já tinha sido desarmado na guerra de 1991 e pela inspeção da ONU. É o movimento da classe operária e dos povos oprimidos coesos que poderão fazê-lo, modificando os rumos da história. A ocupação genocida do Iraque pelos EUA põe em relevo essa tarefa. É assumindo-a que os oprimidos de todas as latitudes enfrentarão a nova ofensiva colonialista do capitalismo imerso em crise histórica.

Fora o imperialismo genocida do Iraque!

*Erson Martins,  
Diretor da Apropuc.*

# APROPUC discute contratos de trabalho com a Reitoria

Neste início de semestre, a Vice-Reitoria Acadêmica, ao iniciar o processo de enxugamento dos contratos de trabalho que julgava irregulares, acabou por estabelecer uma nova modalidade que não é contemplada pela deliberação 65/78. São os contratos de tempo parcial, baseados em frações, como o TP-5, TP-15 e TP-25.

O que mais preocupou a APROPUC foram os contratos de TP-5, pois, além de serem espúrios, por contrariarem a legislação em vigor na universidade, constituem-se num dano ao professor que tem, por exemplo, três créditos letivos. A esse professor restam somente duas horas semanais para participar de reuniões de departamento, de curso, preparar a sua aula e corrigir trabalhos dos alunos. Do ponto de vista financeiro, este contrato é mais danoso ao professor do que uma simples aplicação do regime de hora-aula.

No acordo feito entre a Reitoria e a APROPUC, na campanha salarial do ano passado, foi acordado o fim da hora-aula, restando somente os contratos da Faculdade de

Direito, que seriam objetos de estudos mais aprofundados, tendo em vista as especificidades daquela unidade. Porém, a aplicação de regimes de tempo parcial diferentes daqueles previstos pela universidade vai frontalmente contra o acordo firmado.

A APROPUC não é contra que se façam acordos em situações que, ao longo do tempo, ficaram distorcidas em relação à deliberação 65/78 (como contratos de uma hora-aula, por exemplo). Entretanto, de maneira nenhuma aceita este tipo de contrato, que fere as conquistas fundamentais dos trabalhadores da PUC.

A diretoria da entidade vem fazendo reuniões com a Vice-Reitoria Acadêmica para que possa ser definida a situação desses professores.

Nesse sentido, solicitamos aos professores cujo contrato tenha sido alterado sem a devida discussão em seu departamento, ou que não esteja em conformidade com as normas da 65/78, que procurem a sede da entidade localizada na sala P-70 do Prédio Velho, no horário das 9 às 19h.

**PUC** *viva*

*viva* **PUCviva** é uma publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**Coordenação:** Valdir Mengardo. **Edição:** Aldo Escobar. **Reportagem:** Leandro Divera. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Luiz Carlos de Campos, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G.S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** [apropuc@sanet.com.br](mailto:apropuc@sanet.com.br). **Telefone da Atapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@terra.com.br](mailto:pucviva.jornal@terra.com.br) - **PUCviva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br).

# Como ficam os salários dos funcionários

Grupo	Mínimo				Médio				Máximo			
	fevereiro	março	julho	setembro	fevereiro	março	julho	setembro	fevereiro	março	julho	setembro
I	816,00	949,99	949,99	949,99	987,00	1.149,07	1.149,07	1.149,07	1.085,00	1.263,16	1.263,16	1.263,16
II	1.073,00	1.249,19	1.249,19	1.249,19	1.296,00	1.508,80	1.508,80	1.508,80	1.426,00	1.660,15	1.660,15	1.660,15
III	1.402,00	1.632,21	1.632,21	1.632,21	1.693,00	1.828,44	1.828,44	1.971,06	1.865,00	2.014,20	2.014,20	2.171,31
IV	1.820,00	1.965,60	1.965,60	2.118,92	2.201,00	2.377,08	2.377,08	2.562,49	2.421,00	2.614,68	2.614,68	2.818,63
V	2.344,00	2.531,52	2.531,52	2.728,98	2.837,00	3.063,96	3.063,96	3.302,95	3.121,00	3.245,84	3.370,80	3.633,75
VI	2.999,00	3.238,92	3.238,92	3.491,56	3.627,00	3.772,08	3.917,31	4.222,85	3.992,00	4.151,68	4.311,52	4.647,82
VII	3.803,00	3.955,12	4.107,39	4.427,77	4.605,00	4.789,20	4.973,58	5.361,52	5.062,00	5.264,48	5.467,16	5.893,60
VIII	4.790,00	4.981,60	5.173,39	5.576,92	5.793,00	6.024,72	6.256,67	6.744,69	6.375,00	6.630,00	6.885,26	7.422,30
IX	5.987,00	6.226,48	6.466,20	6.970,56	7.244,00	7.533,76	7.823,81	8.434,07	7.966,00	8.284,64	8.603,60	9.274,68
X	7.422,00	7.718,88	8.016,06	8.641,31	8.976,00	9.335,04	9.694,44	10.450,69	9.876,00	10.271,04	10.666,40	11.498,46

## DEBATE

# Evento discute a formação do Estado brasileiro

A 2.ª Semana de Economia, organizada pelo CA Leão XIII entre 7 e 11/4, foi marcada pela diversidade e pela qualidade das discussões. Dentre estas, uma foi dedicada à formação do Estado na América Latina e no Brasil, na noite da quinta-feira, 10/4. O encontro contou com a presença de dois intelectuais de renome: Moniz Bandeira e Francisco de Oliveira, ambos ativos militantes políticos. A mediação ficou a cargo do aluno de Economia Guilherme Mello e da professora Regina Gadelha.

“O Estado brasileiro sempre viveu a política do ‘mudar tudo para que nada mude’”, revelou Francisco de Oliveira. Segundo o professor, nossa história é marcada por transformações sociais que partiram das classes dominantes, o que trouxe mudanças superficiais, mas nunca alterou as relações de poder.

Notadamente, o uso do Estado como instrumento das classes dominantes ocorre ainda hoje no Brasil. “Fernando Henrique deu ao País uma dívida co-

lossal, e transformou o BNDES numa UTI de empresas e em financiador de privatizações. Para ser liberal, é preciso ser também muito autoritário. Esperamos que a eleição de Lula seja capaz de encerrar esse ciclo de ‘modernizações conservadoras’”, concluiu.

“Sem dúvida, o Estado é um instrumento de dominação de classes. Mas isso não é tudo: o Estado é um organismo que materializa a cultura de um povo”, ponderou Moniz Bandeira.

O professor procurou sustentar a afirmação demonstrando que Perón e Vargas, na América do Sul, foram acusados de fascistas, por sua retórica similar à de Mussolini. Mas o fascismo não tinha grande respaldo no Brasil e



Moniz Bandeira (à esq.) e Francisco de Oliveira (ao fundo), ao lado dos mediadores

na Argentina, e de fato esses dois líderes representavam uma reação ao estabelecimento das grandes indústrias, mercado que sustentava o regime fascista, e procuravam desenvolver o mercado interno.

A guerra no Iraque não escapou à fala do professor: é o começo do fim, segundo ele. “Pela primeira vez desde a queda da União Soviética, os EUA enfrentam enorme oposição mundial. Como pode uma nação ser hegemônica sem o reconhecimento das demais?”.

## Sobre bombas inteligentes

Alcides Ribeiro Soares

Caros amigos:

Solicito colaboração dos expertos em questões bélicas e políticas, no sentido de esclarecer-me a respeito do critério de identificação de bombas inteligentes.

Minhas principais dúvidas são as seguintes: qual é o critério de avaliação do grau de inteligência das bombas? Como se determina este grau?

É pela capacidade que elas tenham de selecionar, de forma “politicamente correta”, quem deve ou não morrer?

É pelo número de mortos por quarteirão que elas “produzam”?

É pelo nível de educação e sensibilidade que elas possuam, de forma a serem capazes de preservar, ao máximo possível, o patrimônio cultural e ambiental do país a ser bombardeado?

É pelo cuidado que elas adotem para não atingir creches, maternidades, hospitais, escolas, infra-estrutura e atividades produtivas em geral, do país sobre o qual elas são atiradas?

Ou é mediante a capacidade que elas tenham de “apenas” matar o inimigo, preservando, simultaneamente, ao máximo possível, o bunitim a ser extorquido dele, de forma “civilizada”?

Saudações cordiais,

*Alcides Ribeiro Soares é professor do Departamento de Economia da FEA (PUC-SP)*

Os artigos publicados nesta seção são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Espaço disponível: máximo de 30 linhas, ou 2300 caracteres em fonte 12.

## Debate analisa e condena política dos EUA

Na segunda-feira, 14/4, a PUC abrigou um novo debate sobre o significado da invasão dos EUA ao território iraquiano. Vinte e seis dias antes, no primeiro dia da agressão, um ato-debate já havia sido organizado para repudiar a invasão norte-americana.

Estavam presentes, no ato do dia 14, Luciano Wexell Severo, aluno de Economia que visitou o Iraque em fevereiro; Mauro Bianco, vice-presidente da Organização da Juventude dos Países Não-Alinhados (Nasyo), que esteve seis vezes em Bagdá; Levi Bucalem, professor da FEA, que também já esteve no Iraque; e os professores Carlos Matheus do Departamento de Filosofia, e Edson Nunes do Departamento de Política. O encontro foi mediado pela vice-reitora comunitária, Branca Jurema Ponce.

Luciano Severo procurou recuperar a história recente do Iraque, desde a nacionalização do petróleo, na década de 70, pelo partido de Saddam Hussein. Segundo ele, ao impedir a exploração do petróleo pelas multinacionais do Ocidente, o país atingiu a melhor qualidade de vida entre as nações do Oriente Médio até o início da Guerra do Golfo, que dizimou a infra-estrutura e a população iraquianas. O aluno lembrou que, hoje, o capital da indústria bélica tem-se fundido com o da grande mídia, o que inevitavelmente influencia a informação que chega até nós.

“Os Estados Unidos encon-

tram-se numa crise terminal”, apontou Mauro Bianco. Essa foi a razão apontada por ele para a invasão norte-americana, que tem o objetivo de dominar a fonte de energia que é o petróleo. Mais tarde, segundo Mauro, o alvo pode ser a biodiversidade das florestas brasileiras. Em sua fala, ele também criticou a mídia, que tem procurado “acabar com a maior mobilização antiguerra que a humanidade já viu”.

### “Neo-mongóis”

Classificando os norte-americanos como “neo-mongóis”, o professor Levi Bucalem traçou um paralelo entre a agressão de hoje e as invasões ocorridas na região por volta do século 13. Naquela época, a região da Mesopotâmia era uma das mais desenvolvidas do mundo, sendo arrasada em poucos dias pelos bárbaros da Mongólia.

“Os Estados Unidos criaram o princípio novo: o do ataque preventivo”, afirmou o professor Edson Nunes. Ele procurou demonstrar que, com o fim da Guerra Fria, nenhuma potência se contrapõe aos EUA, que assim procuram estender ainda mais seu domínio.

O professor Carlos Matheus também questionou a legitimidade da agressão, apontando que, no mínimo, uma guerra pressupõe igualdade de forças. “Esta ‘guerra’ vai servir como estímulo por uma reparação entre os iraquianos. É por isso que as guerras injustas não terminam com a vitória do mais forte”.

# A violência universitária é ausência do Espírito

Antonio Marchionni

Os fatos violentos da nossa PUC em 2002 e 2003 põem em discussão as teses materialistas sobre violência, expostas no *PUCviva* dos últimos meses.

Os trotes físicos do ano passado, com um aluno terminando em coma alcoólico na UTI, provocaram uma Comissão de Inquérito, uma Comissão Processante e uma ampla Comissão de Recepção aos Calouros. Pouco adiantou. O trote violento deste ano trouxe os mesmos destemperos, com um aluno acordando no dia seguinte na Santa Casa. Fotos desabonadoras do bom nome da PUC apareceram em jornal da cidade. A Rua Ministro de Godói adormeceu sob garrafas quebradas, após ingestão espontânea e forçada de cerveja e pinga. Repetiram-se outras barbáries, e por puro acaso não tivemos o morto, o que ocorreu na Unesp de Presidente Prudente.

O diagnóstico da tese materialista rezava que os trotes descompostos resultavam de uma carência de controle humano-tecnológico sobre os participantes, e recomendou um renovado esquema de segurança, além de iniciativas culturais capazes de exercer nos novos alunos um atrativo ético-estético, alternativo aos sabores erílicos. Inutilmente, ou quase. Está claro que os Centros Acadêmicos e a Universidade têm dificuldade de oferecer aos Calouros uma alegria superior "*sub specie aeternitatis*, com sabor de eternidade", segundo Espinosa na *Ética*, alegria diversa do prazer voltado a ocupar o vazio da existência.

Mas os trotes constituem apenas uma parte das nossas relações universitárias, que andam tensas, conforme artigos, debates e cartas em nossos semanários sobre arame farpado, câmeras, comissões de inquérito, empresas de segurança e catracas. Ei-nos, os pretensos anjos da Razão, decaídos na sedução das armas materiais, sem que o discurso universitário se eleve um milímetro acima do discurso fardado. A causa da violência, diz a tese materialista, é a exclusão econômica; portanto, remova-se o arame farpado e entreguemo-nos à luta social-muscular. Outros retrucam que há uma necessidade impelente de de-

fender o território da PUC. E lá vai a discussão sem fim. Em suma, as mentes estão empacadas sob a infecundidade da visão materialista, que se mostra estéril também na luta nacional contra a guerra civil que enfrenta o Estado.

Impõe-se uma alternativa: por que não substituir o sistema de segurança pelo Espírito? Sairia mais barato e bonito. Conforme a sabedoria de sempre, pela qual "se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela" (salmo 127), convém que as teses materialistas relaxem seus dogmas por um tempo e dêem uma chance ao Espírito, para ver se este funciona melhor. Quem sabe? De repente...

O cientificismo materialista já incibriou as mentes, mas hoje não anda tão triunfante assim pelo mundo, registrando recuos que acabarão chegando também entre nós. Pois, se é verdade que a mente pensa depois que a barriga estiver cheia, também é verdade que uma mente grávida de idéias brinda a barriga com iguarias sem par. É a mente humana que criou Deus antropomorficamente ou é a mente de Deus que criou o homem teomorficamente? É a Crença que inventa o Espírito ou é o Espírito que infunde a Crença? A resposta a estas perguntas é a mais decisiva da existência humana, provindo daí uma *religião materialista*, cujo Absoluto-Deus é o Vir-A-Ser da Matéria, ou uma *religião espiritualista*, cujo Absoluto-Deus é o Criador Transcendente.

Posto este dilema filosófico-teológico, a religião materialista e a espiritualista têm igual direito de moradia nas Universidades, e não se vê como a religião materialista possa outorgar-se a *hybris* de excluir as Ciências do Espírito da dinâmica universitária ou expulsar a aula de Religião das escolas. Estado laico não significa Estado ateu. Na Alemanha, topo da consciência mundial, quase todas as universidades públicas possuem uma Faculdade de Teologia Luterana e outra de Teologia Católica. Aquela nação apreendeu na pele que as teses materialistas trazem em seu DNA a imprudência de reduzir a estrutura do

homem ao mecanismo biológico da minhoca, com o risco de não sairmos do animalesco.

Há, para a paz da PUC e da Nação, caminhos outros, como o da meditação, do recolhimento interior, da oração, da pastoral contemplativa e sálmica, dos valores perenes, das virtudes judaico-greco-cristãs, da partilha franciscana (também nos salários universitários), da ternura samaritana, do viver de amor. Há o caminho da Mística, que religa cada um de nós ao Sumo Ser e aos outros seres numa religião do Um. Há o Espírito, que nos faz ascender ao Verdadeiro, ao Belo, ao Bom. Tudo isso criaria em nós uma estética interior, que mudaria rapidamente a convivência universitária, afastando da PUC a passagem da violência, como o sangue do cordeiro livrou as portas hebréias da passagem da nuvem exterminadora.

Que tal dedicarmos algum tempo, nós Docentes, a interiorizar estes caminhos do Espírito e ensiná-los aos estudantes, recuperando na Universidade Católica o patrimônio de dois mil anos de catolicismo e inserindo um toque de classe nas consciências e nos corredores? Não se trata de criar na PUC uma força hegemônica cristã, pois o velho cristianismo já aprendeu, ao contrário do imberbe materialismo, a convivência na pluralidade. Trata-se, isto sim, de sairmos do unísono materialista e termos uma orquestra de espíritos. O filósofo Jean Guitton escreveu em 1997 que, se o iluminismo materialista salvou o cristianismo dos vícios do Antigo Regime, no futuro o cristianismo salvará os direitos humanos do iluminismo.

A unidade e originalidade da nossa PUC podem depender da invocação multimilenar: "Vem, Espírito Santo / Enche os corações dos Teus fiéis / E acende neles o fogo do Teu amor / Tu que na diversidade de muitas línguas / Congregaste os povos numa só unidade".

Antonio Marchionni é professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP

Os artigos publicados nesta seção são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Espaço disponível: máximo de 30 linhas, ou 2300 caracteres em fonte 12.

# Rola na rampa

## Estacionamento sobe 36%

Os mensalistas do estacionamento do Prédio Novo foram surpreendidos na semana passada com um aumento de 36% no preço, que passou de R\$ 81,50 para R\$ 111,51. Aqueles que efetuarem o pagamento antes do vencimento terão 10% de desconto. O reitor Antonio Carlos Ronca foi procurado pela AFAPUC para falar sobre o assunto, mas só deve se pronunciar nesta semana.

## Centro Cultural homenageia Joselito

Foi inaugurado no sábado, 12/4, o Centro Cultural Joselito Lopes Martins, no Jabaquara. O Centro homenageia o educador do Núcleo de Trabalhos Comunitários (NTC) da PUC-SP, assassinado em fevereiro deste ano: Joselito trabalhou no NTC por mais de 10 anos, além de ter sido estudante na História na PUC.

## Nu-Sol promove mais um debate

O Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol), do pós em Ciências Sociais, promove na próxima semana um debate com o tema Um Incômodo. Com a presença de diversos professores de dentro e fora da universidade, o en-

contro acontece no auditório 333, das 14 às 21h, nos dias 28 e 29/4. As inscrições podem ser feitas gratuitamente na sala 4E-18, no 4.º andar do Prédio Novo. Informações pelo telefone 3670-8517 ou na Internet: [www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org).

## Comissão eleitoral da AFAPUC

A comissão eleitoral da AFAPUC reúne-se nesta terça-feira para dar início ao planejamento do processo eleitoral. De acordo com a comissão, no caso de haver mais de uma chapa inscrita haverá pelo menos dois debates entre elas: um no câmpus Monte Alegre e outro em Sorocaba. "O que a comissão vai fazer é montar uma estrutura operacional que facilite o exercício da democracia nesta eleição", comenta o funcionário Eduardo Viveiros, um dos componentes do grupo.

## Copa Integração tem inscrições prorrogadas

A Copa Integração Guilherme Geromel de Futsal teve seu período de inscrições prorrogado até esta terça-feira, 22/4. A taxa é de R\$ 100 para equipes masculinas e R\$ 45 para femininas. Participam alunos, ex-alunos, professores, funcionários e prestadores de serviço regularmente vinculados à universidade. Mais informações na Academia da PUC: Rua Monte Alegre, 1104, em frente ao colégio São Domingos, ou pelo telefone 3673-0691.

## Mostra sobre anos 80 continua

Permanece em cartaz no Auditório Banespa a mostra de filmes produzidos no Brasil nos anos 80. Nesta terça-feira, será exibido *Feliz ano velho*, às 12h. Mais tarde, às 17h, é a vez de *Anjos da Noite*.

## Educação discute a guerra no Iraque

A Faculdade de Educação e o curso de Pedagogia vão realizar três debates analisando e contextualizando a invasão do Iraque, nesta terça-feira, 22/4. A intenção é discutir com alunos e professores dos três períodos o sentido da guerra. Três professoras terão a função de

desencadear as discussões, posteriormente enriquecidas com o debate aberto: às 9h30, no auditório 239, a professora Madalena Peixoto; às 16h, no mesmo local, a professora Hyrla Tucci, e às 21h, no auditório da Cogear, a professora Priscilla Cornalbas. Informações: 3670-8162.